

Escuta Transformadora:

base primeira para Práticas Restaurativas e conflitos (Resumo em aberto)

Marcelo L. Pelizzoli – www.ufpe.br/edr

A Escuta Transformadora é acima de tudo uma filosofia prática, de vida, e também um método (caminho) que tenho desenvolvido a partir de dimensões da escuta empática, em conjunção com a CNV, visão Sistêmica e mestres da sabedoria antiga. Neste textos iniciamos a apresentação desta filosofia, que para ser compreendida de fato necessita das vivências que usamos para o método, exercícios e dinâmicas em cursos mais aprofundados. Aqui, este modelo de Escuta é associado brevemente com as Práticas Restaurativas.

1 – Conflitos - Escuta, Acolhimento e Aceitação

“Quando alguém lhe ouve verdadeiramente, algo se transforma em você” (Krishnamurti)

As Práticas Restaurativas, em que se inclui a Justiça Restaurativa, e de outro modo a Comunicação Não Violenta (CNV), são filosofias/sabedorias práticas e contêm métodos que visam realizar essencialmente o encontro verdadeiro, a cultura de paz, o cuidado, a reconstrução de ambientes relacionais. Um dos pontos fortes destas práticas tem a ver com lidar com conflitos negativos, que na verdade representam em geral sintomas de um mal estar social maior.

Mas, que disposição ou compreensão pode ir diretamente à essência dos meios de lidar com conflitos?

A compreensão do que seja o conflito não é simples, pois os conflitos revelam dimensões complexas e multidimensionais da realidade vivida pelas pessoas. Os conflitos falam de verdades ocultadas por trás das dinâmicas sociais, familiares, de trabalho e relacionamentos. Muitos educadores ou “disciplinadores” de conflitos, ou terapeutas, buscam apagar o fogo do conflito, mas com ele apagam as necessidades e ferimentos ali presentes. Tanto na área da justiça, quanto educação e saúde, muitos procedimentos de intervenção têm no fundo o objetivo de *modificar* direta ou indiretamente o outro; consertá-lo, corrigi-lo. Basicamente isto ocorre por medo e posições defensivas dos cuidadores e disciplinadores. Esta energia/mentalidade está fadada não apenas ao fracasso, mas ao acirramento da desconexão, rejeição e do não reconhecimento da vida própria do outro.

Propomos entender um círculo restaurativo basicamente como um espaço-tempo de encontro, de contar histórias de vida, de ressignificação relacional, de circulação do *pathos* e da energia comunitária. Para tanto, o processo ou disposição mestra chamamos de Escuta Transformadora. O círculo essencialmente como lugar de Diálogo, e portanto, lugar da Escuta coletiva, a qual tem mais força.

A dimensão mais conhecida dos Círculos Restaurativos é o da lida com os conflitos, Círculos de Construção de Paz voltado para resolução de conflitos. Não obstante, é preciso saber quais as bases de que provém os conflitos, no sentido de entendê-los mais profundamente e também saber encaminhar transformações dos mesmos.

Etiologia dos Conflitos

Os **conflitos** vêm e apontam basicamente para cinco dimensões fundantes do humano (Pelizzoli, 2016):

1 - Pensamentos/Imagens mentais: as ideias (imagens) que trazemos das pessoas, do mundo, de nós mesmo, e principalmente das pessoas com quem conflitamos; memórias e marcas mentais que projetamos sobre as coisas.

2 – Necessidades: temos uma gama de coisas e relações e reconhecimentos e modos de viver a vida que são determinantes para nós, precisamente quando elas são feridas e frustradas. Elas são muito importantes em geral pois falam do nosso crescimento e bem estar.

3 – Sentimentos: são determinantes, e são a força de ação dos conflitos e da violência, pois são conectados com as necessidades e tentam defendê-las, mesmo quando não existe peso real no problema; elas tem vida própria e tomam o corpo.

4 – Comunicação/expressão: o que falamos, em que mundo de linguagem estamos, como nos expressamos de forma errada, violenta ou clara e pacífica, é fundamental para entender, prevenir e transformar conflitos. Precisamos urgentemente de Comunicação Não Violenta, construtiva.

5 - Sistema de relações. Nossos pais, antepassados, os problemas sistêmicos vindos de trás, mas também das nossas relações laterais, afetivas, amizades, são fatores que podem gerar dores, comportamentos agressivos e conflitos.

@ Estes âmbitos estão sempre presentes, quase todos ou alguns, nos conflitos humanos, internos e externos. E a compreensão e a vivência do sentido e da linguagem do conflito dependem de uma entrega nossa à experiência presente, ao jogo vulnerável e tenso da vida com outros, em que precisamos atuar numa disciplina participativa e acolhedora.

Em cada dimensão, trata-se sempre do âmbito do Ver e do Agir. O modo como as pessoas agem/sentem, o modo como os ambientes bons ou ruins surgem, está ligado a como cada um, o grupo e a instituição as consideramos, como **vemos** as pessoas, como nos conectados ou não com elas; nós ajudamos a CONSTRUIR o MUNDO, especialmente das crianças e jovens.

Eis o desafio e início da caminhada restauradora: Um olhar confiante, uma disposição profunda, ânimo (alma), a consideração da vulnerabilidade das pessoas, os quais acompanham a **Escuta**. Ela requer ir além do entendimento teórico e do controle das coisas e pessoas, pois fala de uma experiência humana fundante, contato humano e de alteridade, de uma **CORagem**.

Apostar na Escuta profunda é começar pelo olhar do coração, o que está por trás de todos os métodos/meios eficazes. A escuta empática e a escuta transformadora vão muito além de ter tolerância, de ouvir para entender, e inclusive de querer resolver a situação. Compõem uma dimensão de:

Entrega, Abertura de espaço, de Presença, Corporificação, Atenção e a Intenção...

A dimensão do *coração*, aqui presente, não tem em primeiro lugar orientação sentimental, mas de *core* (centro) e de dimensão relacional; o coração é um conjunto travessado por conexões afetivas, *affectus*, dores e amores, conquistas e perdas, e vindo da pulsação básica de nosso ser como manifestação da afirmação/contato da vida.

Para isto acontecer, é preciso tomar a DECISÃO de assumir esta sensibilidade, esta coragem; e é isto que gera a intenção/força/confiança constante nas relações humanas e no procedimento maior: o **Diálogo**. Num plano último, trata-se da aceitação do outro e sua realidade, para além dos fatos a responder; aceitação do presente, mesmo que depois eu possa ver a possibilidade de mudar o futuro. Trata-se de uma sabedoria antiga e profunda, aceitação radical (raiz) da vida como ela acontece (o que não significa imobilidade e inação). Podemos dizer que nos dias atuais o que os sujeitos mais precisam é de reconhecimento de seu ser, de seu sentido e lugar num mundo – o qual é sempre conectivo, relacional, mundo de contatos.

A qualidade deste contato humano determina o destino de nossas vidas.

Mas se este processo é tão importante, por que muitos cuidadores não conseguem ouvir bem? Temos como hipótese o motivo principal: escutar alguém me coloca no aberto de possibilidades do estranho, do desconhecido, e isto toca em meus processos de angústia, para além do meu controle.

A escuta – que é uma potência e paciência (*pathos* - sentir profundamente) - envolve uma doação de si, uma entrada em um sistema relacional de que não temos o controle, em que somos convidados a um silêncio interior, a um ritmo que nos ultrapassa e surpreende, podendo gerar todo tipo de emoções e pensamentos. A tarefa de quem sabe e se dispõe a ouvir é ir além das imagens e ruídos egoicos gerados neste processo, buscando a *abertura*. Trata-se de uma capacidade de *contato*, ligado à dimensão estruturante da identidade dos sujeitos; portanto, trata-se da capacidade de sentir a realidade (corporificação) presente, sentir/ouvir o outro. É, assim, uma busca de conexão focada, intencionada, algo que muitas vezes exige exercício. Por vezes torna-se algo da mesma dimensão de uma *meditação*. A consequência em geral é chegar a um ouvir que se torna transformador e “terapêutico”¹ no modo verdadeiro, ou seja, não psicologizante, não interpretador. O principal motivo para ser assim, profundo, é que se trata da prática do encontro real, contato humano e afetivo (*affectus*) com *pessoas*, nos remete às **necessidades fundamentais da afirmação de um sujeito humano no mundo**, principalmente crianças e jovens, a saber, **a aceitação da pessoa tal como ela é, seu ser, o reconhecimento necessário para existir** – pois o existir é sempre relacional e co-dependente.

Encontramos agora a frase fundamental que busca expressar a essência dos processos de diálogo, portanto, da escuta, e de muito da prática

¹ O sentido original de terapêutico é cuidar de alguém, acompanhar em ajuda, não um ato psicologizante, julgador. Diferencio aqui também entre *terapêutico* e psicoterapêutico – este último mais restrito aos âmbitos profissionais consagrados.

terapêutica. É um postulado geral de grandeza considerável, a tal ponto que podemos dizer que se refere ao sentido primeiro de tais práticas. Eis o postulado:

- **Preciso ser reconhecido, querido, aceito como sou, apoiado; portanto, não ser tratado como objeto.**

2 – Corpo e Mente de Dor

Quanto mais tenra a idade, mais este postulado tem força para a vida de uma pessoa. Se em qualquer momento da jornada de uma pessoa, principalmente nos primeiros tempos de vida, houve falhas ou violações deste cuidado essencial: não fui reconhecido e querido como eu era, fui tratado como objeto, foi-me negado necessidades fundamentais, foi-me colocado obstáculos e demandas para as quais eu não tinha forças e apoio suficiente, qualquer alteração neste nível marca um sujeito e sua história, suas buscas, sua vida. Por conseguinte, quando ocorre na vida atual da pessoa um conflito ou violação, o acontecimento presente remete condicionadamente ao histórico destes sofrimentos. A dor é potencializada. Algo como uma linha de ligação entre os eventos dramáticos sofridos, como os nós em uma rede, e que é acionada com os conflitos e exclusões.

Eis um motivo essencial para o cuidado constante, para a compreensão dos conflitos, e para o reconhecimento mútuo dos sujeitos. Eis também motivos suficientes para entender que o bem lidar com os conflitos, com os outros, passou/passa por lidar com o próprio histórico de vida, com as nossas sombras (Pelizzoli, 2012 e 2016). Daí a ideia de *Corpo/Mente de Dor*, expressando condicionamentos encarnados que carregamos e que temos como tarefa tomar consciência e cuidar diariamente, como a criança ferida e raivosa que carregamos, e que se ativa em certos momentos (Tolle, 2007).

A compreensão e a administração deste Corpo de Dor revela uma interdependência misteriosa: quando mais cuido de mim (das minhas *personas*, ou partes que me compõem), mais posso ajudar o outro; mas, por reversão, quando cuido do outro atuo sobre meu cuidado. Por outro lado, a ideia de que o cuidador deve estar curado para curar, não confere com a realidade. Isto porque há exemplos fartos de grandes mestres e cuidadores que foram levados ao seu Caminho justamente por uma grande dor, perda, traumas, ou sofrimentos de sua comunidade e povo.

Portanto, adotamos aqui o que chamamos de *Filosofia da Pérola*, a saber, uma ostra sofre a invasão de uma pedrinha, e isto é um ferimento ameaçador. Ela inicia um esforço contínuo e vai envolvendo a pedra em camadas que a tornam uma linda pérola. Precisamos uns dos outros para formar as pérolas e transformarmos as energias das sombras em dons, luz, arte, convivência...

Na verdade, para ajudar os outros, precisamos não apenas da pedra, mas saber abrir e sentir o sofrimento, e ao mesmo tempo elaborar a experiência e encetar familiaridade ou algum crescimento sobre ele, poder ter alguma consciência ou estabilidade e aprendizado para não ser arrastado por ele. É deste modo que a vida me autoriza/potencializa a ser um bom cuidador,

partindo da aceitação da história pessoal, e ao mesmo tempo a elaboração disso em condições de *presença, lucidez, aceitação, compaixão, sensibilidade, confiança, entrega*, entre outros.

O corpo de dor carrega memórias, emoções, pensamentos repetitivos, verdadeiros padrões corpo-mentais que condicionam a percepção, o emocionar-se, o contato da pessoa com o mundo, com os outros. São as marcas mentais ou condicionamentos que atuam de modo subconsciente. Assim, na vida de uma pessoa, o jogo entre Desejo e Medo torna-se crucial, tal como a busca incessante de reconhecimento, de ser resgatado (solidão, abandono, ferimento etc.), que no fundo é uma busca de cura. Como diz a obra *Um Curso em milagres*, se a pessoa está num estado agressivo, é que seu coração não está conseguindo amar, e se não o está conseguindo, o que ela precisa de fato é de *cuidado e cura*, como o resgate das fontes para o sentido maior da vida, pois todos nós somos seres sociais, interconectados, dialogais. Neste aspecto, se seu coração (Centro relacional) não está se abrindo, clame por socorro e cuidado.

3 – Diálogo: o mais difícil e precioso

Consequentemente, a chave maior: a **ESCUTA**; e é o primeiro pilar do DIÁLOGO. Este processo pode nos colocar dentro da empatia – a qual não é acessória, mas revela um sentido fundamental de ser da vida social – para o sucesso não apenas da transformação de conflitos, mas também para a realização do encontro e da convivência social possível e prazerosa. Esta disposição nos *realiza* (ações gratificantes) porque vai na direção central do que nosso organismo busca nas relações com os outros e com a vida – mesmo como animais – o **Crescimento** da vida (contato vital, relações apoiadoras, sentido inter-humano).

O segundo pilar do Diálogo são as **PERGUNTAS** verdadeiras. Ou seja, perguntas que de fato querem saber o que o outro sente, pensa, o que acontece com ele. Muitas perguntas são retóricas e falsas, pois já pressupõem algo sobre como o outro é, e porque ele age assim, reduzindo-o. Quando temos imagens prontas, julgamentos, rótulos, aversões, **não** conseguiremos fazer perguntas. Perguntas são preciosidades, pois *abrem*, chamam o outro a se colocar, geram conexão, mostram interesse na pessoa, participam com ela as posições e decisões. *Sem perguntas verdadeiras não há Diálogo.*

3.1 – Diálogo: ouvir aberto e afetivo

O Diálogo visa primordialmente fazer contato, partilhar, e quiça depois agregar, cuidar. Com isto chegamos aos pontos fundantes do que está por trás dos conflitos e dos métodos de restauração, pacificação e similares, expressos neste conjunto de palavras: lidar com sofrimentos, objetificações, tensões, fechamentos, imagens negativas, histórico de dores e, portanto, a *necessidade de reconhecimento, afeto, encontro, diálogo, escuta, presença, relação, contato, comunicação, crescimento, restauração, sistema, social, amor...*

Vivemos momentos de muitas dores e sofrimentos sociais, atuados com as emoções dolorosas primárias: *raiva, medo, tristeza*, que estão, no fundo, conectadas às NECESSIDADES feridas e frustradas de um organismo e seu

conjunto. A isto se liga a violência, como reação, como expressão errônea de coisas humanas. A superação destes processos começa com a humildade da aceitação do que estamos passando, da compreensão, dos limites e de que se tratam de Linguagens, formas de expressão, acirradas em tempos de dor.

“O amor existe a partir e em função da imperfeição, e se dá atrativamente nas incompletudes” (Pelizzoli, 2016)

Conheça todas as teorias, domine as técnicas, mas ao tocar em uma alma humana, seja apenas outra alma humana (C.G. Jung)

Seremos capazes de ouvir verdadeiramente? perguntava Krishnamurti (2007). O ouvir, para funcionar, precisa cessar o fluxo de projeção dos nossos desejos sobre aquilo que queremos do outro; ir além desta camada espessa que molda e condiciona nossa mente, os filtros criados para ver a realidade, carregados de suposições, crenças, desconfianças, dores, visões parciais e deturpadas da realidade e do outro. Trata-se de uma arte, uma atitude atenta, atentamente, para além da busca de aquisição e controle.

*“As palavras confundem; são apenas os meios exteriores de comunicação; mas para se conversar intimamente, para além do ruído das palavras, deve haver no ouvir uma passividade alerta. (...) **Aqueles que amam podem ouvir**”.* (idem, p. 18)

Trata-se de entrar em contato; presença para além dos pensamentos, mesmo sabendo que sempre temos um referencial e ponto de vista adotado. Compreender mais do que aquilo que se ouve; estar atento para além da comparação, julgamento, justificção ou condenação, e também além do consertar, interpretar e corrigir o outro. Estamos continuamente tentando evitar certo tipo de experiências e, portanto, situações e estados que certas pessoas vivem, em especial difíceis e dolorosos; tentamos estar continuamente em certo estado agradável ou familiar; assim, nossa mente fica ocupada demais para abrir-se ao encontro, à presença, à relação/contato em andamento no diálogo.

“De forma que a mente nunca está tranquila para ouvir as próprias lutas e dores” (idem, p. 20)

O ouvir é uma qualidade a exercitar, ligado ao aprender a ouvir a natureza presente, tanto quanto o silêncio por trás dos sons. É um “ouvir sem resistência”. A incapacidade para o diálogo, ligada à incapacidade para ouvir, diz de uma incapacidade para ir além destes condicionamentos do próprio ego, sofrimento e desejos, ocupações e projeções do pequeno mundo mental de cada um. *Existe beleza, existe vigor, existe vitalidade numa simples planta. Portanto, para conhecerem a folha, a flor, a nuvem, o pôr-do-sol ou um ser humano, tem de olhar com toda a intensidade.* (idem, p. 23)

O ouvir é sutil, na medida em que necessita diminuir o esforço e abrir-se na receptividade, mas ao mesmo tempo necessita alguma concentração, quando põe-se a focar com intensidade o que está sendo recebido. Neste sentido, “nenhum caminho conduz à verdade”, pois ela está para além do método, do conhecimento racional, das interferências da mente do sujeito; somente assim estamos abertos ao novo.

A vida é sempre nova; nós, insistimos em ser velhos.

“... porque a mente velha é a mente que está assustada, que é ambiciosa, que tem medo da morte, de viver, e de estar em relação; e que está

sempre, consciente ou inconscientemente, em busca de permanência, de segurança.” (idem, p. 32)

4 – Escuta Compassiva

Como ouvidor, você está assumindo o papel não de juiz ou mediador, mas de curador. (Hofmann, 2007, p. 12)

Na base da chamada Escuta Empática ou compassiva, deve-se “buscar ver através de qualquer máscara de hostilidade e medo a sacralidade do indivíduo e desvelar as feridas sofridas por todas as partes. Os que escutam não defendem a si mesmos, mas aceitam o que os outros falam como suas percepções” (Hofmann, 2007, p.10)

O monge budista Thich Nhat Hanh desenhou os três passos para a paz como:

- Primeiro, escutar os sofrimentos de todos os lados;
- Segundo, relacionar o sofrimento de cada lado ao do outro; e
- Terceiro, colocar todos os lados juntos de modo que eles possam se ouvir uns aos outros. (Idem, 11)

“A Escuta Compassiva não deve ser confundida com a mediação ou a resolução de conflito. Enquanto ela pode mediar ou resolver um conflito, como uma abordagem, ela busca cuidar das raízes da discórdia, não necessariamente suas consequências. (...)”

A Escuta Compassiva busca estabelecer esse fundamento escutando profundamente àqueles envolvidos num conflito, acreditando que muitas pessoas, quando se sentem verdadeiramente ouvidas, ficarão curiosas de ouvir as experiências daqueles com quem estão em desacordo”. (idem)

Na prática, este modelo começa com “o que fala não responde ao que o outro falou, mas relata sua própria experiência. Os ouvidores não contradizem ou respondem com julgamento, e limitam suas perguntas a perguntas abertas-fechadas para trazer mais informação ou para se assegurar de que ouviram corretamente”. (idem)

Do mesmo modo como na CNV, não deve haver Interrupções, conselhos, julgamento ou perguntas que expressem julgamento, pois são todas barreiras à verdadeira escuta. De igual modo, a EC busca não mudar o outro, mas aceitá-lo, ou mesmo encetar algum afeto pelas pessoas que escutamos. “A Escuta Compassiva foca na experiência, validando cada experiência da pessoa em face de suas convicções” (idem)

Trata-se de um processo de cuidado, em que apoia inclusive processos de cura, pois cada vez mais encontramos e somos pessoas com histórico de ferimentos, dores, perdas, traumas etc. Contudo, “os ouvidores não comandam ou direcionam essa cura, e nós vamos para a tarefa sabendo que nossa percepção do que poderia constituir a cura para o falante pode ser completamente diferente” (idem, 12)

Para resumir e finalizar sobre a Escuta Compassiva, citemos: “**O objetivo da escuta compassiva não é resolver** diretamente o conflito, mas em vez disso despertar os corações dos vários participantes do conflito. Se os participantes do conflito podem chegar a ver um ao outro como humano e

sentir a tristeza do outro, nós acreditamos que eles serão capazes de resolver seus conflitos. (...)

Em vez de punir, seduzir, ameaçar ou persuadir, os pacifistas, usando a escuta compassiva, criam por seu próprio centramento um tipo de espaço de perdão e aceitação emocional dentro do qual os participantes de um conflito podem entrar. A escuta compassiva é um esforço para usar o não-julgamento num conflito, e para ajudar cada lado a ser mais compassivo com o outro lado. Os ouvidores tentam fazer isso tornando a si mesmos mais compassivos. Os Ouvidores Compassivos convidam, não compelem (...)

Ouvidores compassivos oferecem gentil testemunho dos sentimentos geralmente dolorosos dos envolvidos no conflito, e da luta dos participantes com alguns dos grandes temas da vida humana: perdão versus vingança, interesse próprio versus generosidade, e por aí vai. Assim, nós ouvidores precisamos estar confiantemente em contato com nossos próprios sentimentos, e precisamos ter dado alguma atenção a esse tipo de assuntos, caso sejamos esmagados pelo poder daquilo que fomos chamados a observar.” (Idem, 15)

O fenômeno da comunicação depende não do que é transmitido, mas do que acontece com a pessoa que recebe a mensagem.” (H. Maturana)

E escuta do grupo é o suporte da *Obediência* (ob-audere) a ser gerada no participante em conflito ou ofensor, que pode ser escolado a ouvir, mas obedecendo porque pertence, tem acolhimento, podendo assim sustentar melhor a responsabilidade.

5 – Práticas Restaurativas como estruturação da Escuta essencial, Diálogo e Encontro

A chamada Justiça Restaurativa provém de Práticas Restaurativas muito antigas, que evocam a força e sabedoria relacional da pessoa e do grupo, a intensidade vital das pessoas viverem com os outros e realizarem suas necessidades e valores no coletivo. Acima de tudo, são modelos de encontro, de diálogo, de cuidado interpessoal. Eles acionam uma mentalidade (um paradigma) pautada em primeiro lugar na *inclusão/pertencimento* (inclusive para agressores); e ao mesmo tempo a retomada das *responsabilidades* que nos são inerentes e pelo que fazemos que afeta os demais. Este é o coração da ideia de reparação/restauração. Esta refere-se à recomposição do *tecido social* que deve ser reequilibrado, uma nova ordem mais harmônica diante dos desequilíbrios. Em termos éticos e do drama social, podemos dizer que isto requer DAR NASCIMENTO SOCIAL a muitas pessoas às quais, de fato, não nasceram socialmente. Isto acontece quando se consegue verdadeiramente OLHAR um TU, um ROSTO humano, por trás das representações que fazemos das pessoas.

Podemos dizer que o engendramento da Justiça Restaurativa pode ser resumido em:

* Convite a retomar nas mãos das pessoas e comunidades a Justiça (para as quais ela foi criada!).

* Retomar a ideia primeira do Sentido e do Pertencimento (inclusão) das pessoas na socialidade, realizando responsabilização e justiça.

* Propiciar reparações aos danos/sofrimentos causados por conflitos negativos. Propiciar assim um tipo de *cura/cuidado*, calcada na inclusão; qualquer *exclusão* prejudica o sistema (Pelizzoli, 2016)

Em nossa teoria, tais práticas brotam como respostas ao *Espírito do Tempo*, às demandas dos tempos especialmente nas crises em que se precisa resgatar sentidos mais profundos de reconexão com a vida, seja por meio da saúde, ecologia, justiça, organização social e outros. Tais institutos são motivados por forças coletivas que chamamos de *Inteligências Coletivas*, conceito sociológico do início do séc. XX. , e que nos ajuda a presentificar que operamos não em função de uma teoria, um poder, uma técnica, pessoas específicas, mas pelo **Algo Maior** que orienta o Crescimento e restauração constante da vida em suas expressões diversas. O Algo maior se traduz muito concretamente também na força familiar, dos antepassados, as relações que vem de trás e suportam a força da vida para frente. De igual modo a importância das relações laterais que estabelecemos e são nossa vida presente; tendo estabilidade e pacificação justiça nestas direções, a tendência é que o *para frente* tenha maior força e criatividade para responder ao bem viver e bem estar como expressão coletiva da vida.

5.1 - Disciplina social restaurativa: arquétipos basilares

Nesta linguagem de *acolhimento*, alguns podem pensar que a disciplina pode ficar prejudicada. Mas se você entendeu e sente a força do que estamos trazendo como Escuta, vai perceber que este é o ponto-chave para a construção PARTICIPATIVA da disciplina. Este é o arquétipo *materno* da disciplina social, e toca no que as pessoas mais precisam. Quando somos acolhidos, vamos em direção á disciplina. Porém, outro ponto é crucial para que ela aconteça, é o aspecto arquetípico *paterno*, que tem a ver com seguir regras, entrar em ambientes e conjuntos de ordem, ser cobrado positivamente, responder pelos erros. Este modelo disciplinar é presente na Justiça Restaurativa (Pelizzoli, 2016). Como podemos ver abaixo:

JANELAS DE DISCIPLINA SOCIAL

Paul McCold e Ted Wachtel

